

Orações completivas em cabo-verdiano

Complement Clauses in Cape Verdean

Eliane Cristina Araújo Vieira Semedo
*Langues, Langages et Cultures d'Afrique
Noire/Universidade Federal do Ceará,*
Fortaleza/Villejuif, Brasil/França
elianeibm@gmail.com

Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil
coanmalu@ufc.br

Nicolas Quint
Langues, Langages et Cultures d'Afrique Noire,
Villejuif, França
nicolas.quint@cnrs.fr

Abstract: In this study, based on Cristófaró (2003) and Gonçalves et al. (2016), we analyze completive dependent clauses according to their matrix predicate, as the latter controls the semantic and syntactic characteristics of the dependent clause. Our data comprise a corpus of spontaneous oral texts containing traditional narratives produced in the basilectal Capeverdean variety spoken in the rural areas of the island of Santiago. These data were digitalized using the software ELAN and we parsed all completive clauses occurring in a sample of this corpus. One hundred and forty-five occurrences found in the sample were analyzed as for the following parameters: (1) type of predicate, (2) type of speech, (3) presence/absence of complementizer and (4) type of complementizer, (5) finiteness of the verb of the dependent (completive) clause, (6) co-referentiality of the subject, and (7) verbal item introducing the completive clause. The analysis reveals that there is a continuum of integration of the dependent clause to the matrix clause. From a quantitative/statistical point of view, the majority of Capeverdean

complement clauses show a low degree of structural integration to their matrix sentences as the most common figure-cases are predicates of elocution introduced by the verb *fla* 'say', and presenting the following characteristics: (i) no complementizer, (ii) finite verbs, (iii) absence of co-referentiality of the subjects of the matrix and the dependent clause, and (iv) occurrence in direct speech. However, from a qualitative point of view, if we consider the various semantic types of those predicates controlling a completive clause found in the sample, one can observe several types (such as phasal and manipulative predicates) which, even though they are less frequent, are characterized by a much higher degree of integration between the matrix clause and the dependent clause.

Keywords: Complement Clauses; Dependent Structures; Cape Verdean Creole.

Resumo: Neste estudo, com base em Cristóforo (2003) e Gonçalves *et al.* (2016), analisamos as orações completivas a partir do predicado matriz, do qual advém as características semânticas e sintáticas da(s) oração(s) dependente(s). Nossos dados provêm de um *corpus* de textos orais espontâneos, constituído de narrativas tradicionais proferidas na variedade basilectal do crioulo do interior da ilha de Santiago. Esses dados foram transcritos no software ELAN e, dentro do nosso *corpus*, selecionamos uma amostra para a análise de todas as completivas. As cento e quarenta e cinco ocorrências encontradas nessa amostra foram analisadas a partir dos seguintes parâmetros: (1) tipo de predicado, (2) tipo de discurso, (3) presença/ausência e (4) tipo de complementizador, (5) finitude do verbo da oração dependente completiva, (6) correferencialidade dos sujeitos e (7) natureza do item lexical verbal que introduz a oração dependente. A análise revela que há um *continuum* de integração entre a oração dependente e sua matriz. Do ponto de vista quantitativo/estatístico, a maioria das completivas cabo-verdianas mostra um baixo grau de integração estrutural à sua matriz, já que os casos mais comuns são predicados de elocução introduzidos pelo verbo *fla* 'dizer' e que têm as seguintes características: (i) ausência de complementizador, (ii) verbo finito, (iii) ausência de correferencialidade dos sujeitos da matriz e da oração dependente, e (iv) discurso direto. No entanto, de um ponto de vista qualitativo, se considerarmos os vários tipos semânticos dos predicados controlando uma oração completiva que foram encontrados na amostra, podemos observar alguns (tais como predicados de fase e manipulativos) que, mesmo sendo menos frequentes, caracterizam-se por um grau muito maior de integração entre a oração matriz e sua dependente.

Palavras-chave: Orações Completivas; Estruturas Dependentes; Crioulo Cabo-verdiano.

1 Introdução

A língua cabo-verdiana ou cabo-verdiano (doravante CCV) é um crioulo de base lexical portuguesa, tendo como língua lexificadora o português quinhentista e como línguas de substrato várias línguas africanas, principalmente uólofe, mandinka e temné (Quint 2000: 32; 2006: 88), das quais provém o seu sistema aspectual, assim como vários fenômenos de reestruturação do material de origem do português, p.ex. uso das marcas de gênero, semântica dos adjetivos de cor (Quint 2008), etc. Vários estudos linguísticos sobre o CCV têm sido desenvolvidos, especialmente sobre as variedades da ilha de São Vicente e de Santiago, dentre os quais destacamos aqueles relativos à frase complexa: Veiga (2002: 139-143), Quint (2000: 207-212; 2008: 29-47; 2010: 46-47, 106), Alexandre (2009a; 2009b) e Baptista (2002: 132-135). Contudo, alguns desses estudos levam em consideração somente os aspectos formais, focalizando apenas as conjunções, listando-as e exemplificando-as em algumas frases. Além desses, há também a dissertação de Lopes (2012) sobre as construções relativas do crioulo de São Nicolau, em perspectiva gerativista, e um artigo de Lang (2014) sobre o funcionamento do complementizador *ma* (< port. Renascentista ‘coma’) no crioulo de Santiago (Cabo Verde).

Nesta pesquisa, nossa análise restringir-se-á apenas às orações completivas que ocupam a posição de argumento interno do verbo, ou seja, do complemento verbal. Além de parâmetros formais, já observados nas pesquisas anteriores, quais sejam: presença/ausência de complementizador e tipo de complementizador, consideramos, também, o tipo de predicado (modal, de fase, manipulativo, desiderativo, de percepção, de conhecimento, de atitude proposicional e de elocução); o tipo de discurso (direto ou indireto); a natureza do verbo (forma finita ou forma não finita); a correferencialidade ou não dos sujeitos da matriz e da dependente e o item lexical verbal da oração matriz.

2 Abordagem funcionalista

Sendo o CCV uma língua com características sintáticas advindas não só do português, mas também de diversas línguas africanas, é necessário ter uma base teórica translinguística para a análise dos dados. Portanto, seguimos a abordagem adotada por Cristófaró (2003), para a categorização das orações completivas, a qual se baseia nos trabalhos de Givón (1980, 1990), Noonan (1985) e Hengeveld (1998).

Givón (1990 *apud* Cristófaró 2003: 99) observa que a semântica das relações de complemento pode se expressar, geralmente, através da semântica do predicado que codifica o estado de coisas¹ principal. Cristófaró (2003: 99) reitera, ainda, que essa relação semântica é óbvia, já que

o estado de coisas dependente transmite uma especificação necessária requerida pela semântica do estado de coisas principal. A semântica do estado de coisas principal estabelece, portanto, que tipo de especificação é necessária².

Para Cristófaró (2003: 99), se é através dos predicados que nos referimos aos estados de coisas, então é a semântica do predicado que terá um papel importante no estabelecimento da semântica geral do estado de coisas principal.

Para análise dos predicados codificadores do estado de coisas principal, seguiremos a categorização de Noonan (1985 *apud* Cristófaró 2003: 99): modal (*I must [go now]*)³, de fase (*At 2 p.m. the cook began [to work]*), manipulativo (*She made him [buy a desktop computer]*), desiderativo (*She wanted him [to rewrite that chapter]*), de percepção (*I saw him [walking in the street]*), de conhecimento (*I know [he rewrote that chapter some months ago]*), de atitude proposicional (*She thinks [all this syntactic machinery is ad hoc]*) e de elocução (*he said [that she will be late, didn't he?]*).

Além desse critério semântico, levamos em conta, ainda critérios formais que também influenciam na categorização das orações completivas, como: a estrutura da sentença encaixada, presença ou ausência e tipo de complementizador e a correferencialidade entre sujeitos (Gonçalves; Sousa; Casseb-Galvão 2016: 95-6). Quanto à ordem, a dependente em CCV ocorre sempre em posição posposta ao predicado matriz. Isso segue o *Princípio Específico de Ordenação*⁴, que indica a preferência de estruturas complexas ocuparem a posição mais à direita e estruturas menos complexas, a posição mais à esquerda⁵:

¹ Estado de coisas [*State of Affairs* = SoA] é referido aqui como uma entidade abstrata conceitual, não existindo numa realidade extra-mental.

² “[...] *the dependente SoA [State of Affairs] conveys a necessary specification required by the semantics of the main one. The semantics of the main SoA establishes, therefore, what kind of specification is required.*”

³ Todos os exemplos em inglês foram tirados de Cristófaró (2003: 100-108).

⁴ Os autores baseiam-se em Dik (1989), que denomina esse princípio pela sigla Lipoc (*Language-independent preferred order of constituents*).

⁵ X:X < X co X, entende-se: elementos de equivalente estatuto em estruturas coordenadas tendem a posicionar-se à direita; X e Y:X < X [sub Y], entende-se: elementos de diferentes estatutos em relação de subordinação tendem a posicionar-se também à direita, seguindo o *Princípio Específico de Ordenação*.

- i. clítico < pronome < SN < sintagma adposicional < sentença⁶ < subordinada;
- ii. para qualquer categoria X:X < X co X;
- iii. para quaisquer categorias X e Y:X < X [sub Y]. (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2003: 96)

É importante ressaltar que entendemos as relações entre as orações a partir do *continuum* proposto por Halliday (1985), no qual essas relações são determinadas por dois tipos de sistemas: o tático (grau de interdependência) e o lógico-semântico. O sistema tático inclui a *parataxe* (relação entre elementos de igual estatuto) e a *hipotaxe* (relação entre um elemento dependente e seu dominante). Fora desse eixo tático estão as relações de encaixamento, as quais incluem as orações que funcionam como pós-modificadores, as adjetivas restritivas e aquelas consideradas como *atos* e *atos* (tradicionalmente orações substantivas) que funcionam como constituinte de estrutura do sintagma. Halliday (1985) entende que esse tipo de construção frásica não constitui nem hipotaxe nem parataxe, pois não se trata de relação entre orações, mas de um mecanismo de constituição de oração.

A correlação entre fatores funcionais e formais para a análise dos dados visa a demonstrar como as orações completivas em CCV se relacionam à sua matriz e qual o grau (maior ou menor) de integração entre elas. Desse objetivo decorrem duas questões de pesquisa: (i) em CCV, as completivas seriam dependentes e mais encaixadas, conforme se observa no quadro 1?; (ii) haveria ainda diferenças de integração nas completivas, ou seja, um *continuum* interno, para além do *continuum* proposto por Hopper e Traugott (2003), na distribuição entre parataxe, hipotaxe e subordinação?

Parâmetros	Parataxe	Hipotaxe	Subordinação
Dependência	Menos	Mais	Mais
Encaixamento	Menos	Menos	Mais

Quadro 1: *Continuum* de articulação oracional. Fonte: Hopper e Traugott (2003: 170).

⁶Sentença nuclear.

3 Percurso metodológico

A amostra utilizada aqui integra o *corpus* de nossa pesquisa de doutorado sobre a frase complexa em CCV, desenvolvida no *Institut National des Langues et Civilisations Orientales (INALCO)* em cotutela com a Universidade Federal do Ceará (UFC), o qual é constituído por narrativas tradicionais orais em CCV, coletadas entre os anos de 2004 a 2007 e 2014 a 2015, em diversas localidades do interior da ilha de Santiago, relativamente longínquas de Praia, a capital de Cabo Verde e principal núcleo urbano da ilha (mais submetido à influência do português contemporâneo). Portanto, trata-se de uma variedade bastante basilectal dessa língua.

A amostra é constituída por duas dessas narrativas: a primeira tem extensão de 10 minutos e conta uma das tradicionais histórias de *Pedru, Pálu ku Mané* ‘Pedro, Paulo e Manuel’, que precisavam encontrar um remédio para curar uma ferida no pé do seu pai; a segunda é um registro de 8 minutos que narra as peripécias de uma jovem órfã, criada pela madrinha, que foi pedida em casamento por um príncipe. Foram encontrados, na amostra, 145 dados, os quais foram tratados no programa ELAN da seguinte forma: i) classificação morfológica; ii) classificação sintagmática e iii) etiquetagem das orações, evidenciando aspectos estruturais e o tipo de relação estabelecido. Para a análise da relação entre as orações objetivas diretas, cada predicado matriz foi selecionado e categorizado em função do tipo de relação estabelecida com sua(s) oração(s) dependente(s), de acordo com a classificação de Cristóforo (2003). A partir daí, foram observados os seguintes aspectos: tipo de discurso (direto/indireto); presença/ausência e tipo de complementizador; forma verbal (finita/não finita); correferencialidade ou não dos sujeitos da matriz e da dependente e item lexical verbal da oração matriz.

4 Análise qualitativa e quantitativa

A partir dos critérios formais, semânticos e discursivos elencados por Cristóforo (2003) e Gonçalves *et al.* (2016), segue-se a análise de algumas ocorrências de orações completivas da amostra.

a) *Predicado de elocução*: esse tipo de predicado descreve um processo de transferência de informação que se inicia através de um agente e se dirige para um destinatário que pode estar explícito ou não. A oração completiva codifica a realização de um ato de fala⁷, que resulta do requerimento semântico do predicado de elocução, como nos mostra a ocorrência (1)⁸.

⁷ *Speech act* (Cristóforo 2003: 24)

⁸ Utilizamos aqui, para melhor diferenciação, o índice (i) para o sujeito da oração matriz e (j) para o sujeito da oração dependente quando este difere de (i).

- (1)
- | | | | | | | | |
|---------------------------|---------------------------------|-------------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|--------------------|
| e_i
S3SG | <i>fla</i>
dizer.PFV | nton
então | m- e_j
CONJ-
S3SG | ta
IPFV | bai,
ir | p- e_j
CONJ-S3SG | bai,
ir |
| [| PRINC |] | [| COMPL1 |] | [COMPL2 |] |
| p- e_j
CONJ-
S3SG | <i>buska</i>
buscar.PFV
V | <i>kabálu</i>
cavalo | <i>má</i>
mais | <i>gordu...</i>
gordo | <i>má</i>
mais | <i>mágru</i>
magro | <i>ki</i>
REL.S |
| [| | | | COMPL3 | | | |
| sta
estar | na
PREP | <i>txáda,</i>
achada | p- e_j
CONJ-
S3SG | <i>pega,</i>
pegar.PFV | p- e_j
CONJ
-
S3SG | <i>munta,</i>
montar.PFV | |
| | COMPL3 [Cont.] |] | [COMPL4 |] | [| COMPL5 |] |
| p- e_j
CONJ-
S3SG | <i>bai</i>
ir.PFV | | | | | | |
| [| COMPL6 |] | | | | | |
- “Ela (a mãe) disse então que ele (Pedro) iria, [ordenou] que ele fosse, que buscasse o cavalo mais gordo... mais magro que esteja na achada, que ele pegasse, que montasse e que fosse.”

No exemplo (1), temos um predicado matriz que encaixa tipicamente uma elocução. Desse predicado dependem seis orações completivas, todas elas introduzidas por um complementizador (*ma* ‘que’ para a primeira e *pa* ‘para’ para as demais). A primeira completiva codifica um ato de fala. As outras, além de referirem-se a um ato de fala, descrevem também um ato de manipulação, no qual o sujeito da oração matriz é o agente da manipulação e o referente dos sujeitos das orações dependentes introduzidas pelo complementizador *pa* são os afetados, já os predicados são os estados de coisas resultantes da manipulação. De acordo com Gonçalves *et al.* (2016: 77), “*predicados de manipulação*: expressam a atitude de um sujeito por meio da qual um outro sujeito é compelido, autorizado ou impedido de realizar a ação expressa no complemento sentencial”. Como Cristóvão (2003: 104) assegura que “predicados como ‘ordenar’ não implicam que a manipulação seja bem sucedida, ou seja, o estado de coisas dependente não precisa necessariamente ocorrer, podemos dizer que o verbo *fla* aqui carrega também uma nuance mais “leve” de ‘ordenar/mandar’.

Observando os aspectos formais que distinguem esses dois tipos de orações completivas, nessa ocorrência, podemos destacar que, para aquela que descreve um ato de fala resultante de um predicado de elocução, o falante emprega o complementizador *ma* e, para as orações que descrevem um estado de coisas, resultante de um predicado manipulativo, emprega o complementizador *pa*.

Além disso, o marcador de aspecto *ta* ocorre apenas na completiva 1, o que, numa língua como o CCV que não apresenta flexão verbal de sujeito⁹, indica tratar-se de um predicado expresso na forma não finita. Sendo assim, as completivas 2 a 6 evidenciam maior dependência em relação ao predicado matriz que a completiva 1¹⁰, mesmo todas elas sendo introduzidas por complementizadores. Não há correferencialidade dos sujeitos, o que é característico para predicados de manipulação.

Nos dados, há 124 ocorrências (85.5% do total de 145 dados) de predicado de elocução, das quais 24 (24/124=19.3%) estão em discurso indireto e são introduzidas pelo complementizador *ma*, o que restringe o verbo da oração dependente para a forma finita, revelando um menor grau de dependência em relação às orações dependentes do predicado de manipulação. Já com o discurso direto, a frequência de uso aumenta consideravelmente (78/124 ocorrências = 63%). Nesse tipo de discurso, a oração dependente não é introduzida por nenhum complementizador e o predicado é codificado por um verbo finito, demonstrando, assim, menor grau de integração. É de se esperar o uso frequente do discurso direto, nesse tipo de texto, por ser um recurso que dá vivacidade à narrativa. Há também 5 ocorrências (5/124 = 4%) dessas completivas em discurso indireto, mas introduzidas por interrogativo e, por isso, não se realizam com complementizador, mas apresentam verbos finitos codificando o predicado dependente.

Para os casos de predicado de manipulação, foram encontradas 17 ocorrências (11.7% de 145), todas elas introduzidas por *pa* ‘para’ com verbos obrigatoriamente na forma não finita, o que evidencia maior grau de integração com a oração matriz.

Tab. 1: Resultados com o verbo *fla* ‘dizer’.

Tipo de predicado	Aspectos formais			Resultados quantitativos	
	Complementizador	Tipo de verbo	Correferencialidade do sujeito	Tipo de discurso	Número de dados
Elocução	zero	finito	não há	direto	78
	<i>ma</i>	finito	não há	indireto	24
	zero	não finito	não há	indireto	5
Manipulação	<i>pa</i>	não finito	não há	indireto	17
				TOTAL	124

b) *Predicados de conhecimento*: “descrevem um estado de conhecimento ou um processo de aquisição de conhecimento sobre um conteúdo proposicional por parte

⁹A flexão verbal no CCV é sintética no que diz respeito à voz, aos complementos verbais e ao tempo; é de forma analítica no que diz respeito a parâmetros como aspecto.

¹⁰Gonçalves et al. (2016) segue os critérios de Givón (1990) para a demarcação do grau de dependência. Segundo os autores, “quanto maior for a dependência conceitual entre os eventos codificados nas construções, tanto maior será, iconicamente, a proximidade formal entre eles, e tanto maior, também será a probabilidade de a sentença encaixada (que codifica o evento dependente do evento principal) ser expressa na forma não finita.” (Gonçalves; Sousa; Casseb-Galvão 2016: 103)

de um experienciador” (Cristóforo 2003: 106). O processo de aquisição refere-se ao estado de coisas principal, enquanto a oração dependente expressa o conteúdo proposicional resultante do conhecimento ou cognição/percepção expresso pelo predicado matriz.

Em (2), temos uma oração matriz codificada por um predicado de elocução *e fla-i* ‘ele disse-lhe’, da qual a completiva *bu sabi ken ki tra-u di li?* ‘você sabe quem o tirou daqui?’ depende. Aqui, a oração dependente não é introduzida por um complementizador, pois trata-se de interrogativa indireta. O predicado dependente, por sua vez, constitui-se de uma outra estrutura encaixada, a qual designamos de grau 2 (G2). Nessa estrutura de G2, o predicado codificado pelo verbo *sabi* ‘saber’ descreve o estado de conhecimento do sujeito experienciador *bu* (‘S2SG’) e a oração dependente de G2 *ken ki tra-u di li?* ‘quem o tirou daqui?’ codifica o conteúdo proposicional que resulta do estado de conhecimento. A forma verbal empregada na oração dependente de G2 é finita, sendo codificada por um verbo perfectivo, evidenciado pela ausência do marcador de aspecto num verbo que pertence à categoria “fraco”¹¹.

(2)	Kántu Quando	k-e que- S1SG	sai sair	riba acima	e S3SG	fla-i: dizer.PFV- O3SG
					[PRINC]
	bu S2SG	<i>sabi</i> saber	ken quem	ki que	tra-u tirar.PFV- O2SG	di PREP
	[COMPL/]				COMPL_G2	
	[PRINC_G2]	[COMPL_G2	
	li?					
	aqui					
	COMPL_G2 [Cont.]]					
	“Quando ele [Pedro] saiu fora [do poço], [o Pássaro] disse-lhe: você sabe quem que o tirou daqui?”					

Há duas ocorrências na amostra desse tipo de predicação (2 de 145 = 1.38%). A completiva, nesses casos, sendo uma interrogativa, não é introduzida por

¹¹ Quint (2000: 249) afirma que ‘essa oposição verbo forte/ verbo fraco corresponde exatamente àquela que existe entre verbos de estado (=fortes) e verbos de ação (=fracos) na maioria das línguas africanas da África Ocidental’. No original: “cette opposition verbe fort/ verbe faible correspond exactement à celle qui existe entre verbes d’état (=forts) et verbes d’action (=faibles) dans la plupart des Langues africaines de l’Afrique de l’Ouest.”

complementizador e realiza-se com verbo na forma finita, o que evidencia menor grau de dependência entre ela e sua matriz¹².

c) *Predicado de percepção*: descreve a forma como um experienciador percebe a ocorrência de algum estado de coisas, ou seja, de algum evento no mundo real. Gonçalves et al. (2016: 79) denominam esse tipo de predicado como *predicado de cognição e de percepção*.

- (3)
- | | | | | | | |
|-----------|-----------|------|---------|--------------------|---------|---------|
| Ti | kes | dia, | e | obi | un | pásu |
| Até | aquele.PL | dia | S3SG | ouvir.PFV | um.INDF | pássaro |
| | | | [PRINC |] | [COMPL |] |
| fla: | Pedru, | pa | N | tra-u | di | li? |
| dizer.PFV | Pedro | para | S1SG | tirar.PFV-
O2SG | PREP | aqui |
- COMPL [Cont.]

“Até aqueles dias, ele ouviu um pássaro dizendo: Pedro, é para eu tirar você daqui?”

O predicado em (3), *obi* ‘ouviu’, expressa a percepção do referente do sujeito do predicado matriz codificado por *e* ‘ele’ e o conteúdo proposicional dessa percepção é codificado pela oração dependente, a saber, *un pásu fla: Pedru, pa N tra-u di li?* ‘um pássaro dizendo: Pedro, para eu tirar você daqui?’. Esse tipo de predicado não requer um complementizador para introduzir a oração dependente, a qual também é constituída por um verbo perfectivo na forma finita. Contudo, é gramaticalmente aceitável a realização do complementizador e a marcação de aspecto no predicado dependente. Essa também é a única ocorrência (1 de 145 = 0.69%) desse tipo de predicado. Ela evidencia, pela ausência do complementizador e pela codificação não finita do predicado dependente, menor integração entre as orações, mas seriam necessários mais dados para comprovar esse grau de integração, visto que esse tipo de predicado também se pode realizar introduzido pelo complementizador *ma* com o verbo do predicado dependente na forma finita, como mostra o exemplo (4).

- (4)
- | | | | | | |
|---------|-----------|------|-------|------------|-------|
| N | obi | ma | bu | txiga | dretu |
| S1SG | ouvir.PFV | CONJ | S2SG | chegar.PFV | bem |
| [PRINC |] | [| COMPL |] |] |
- “Ouvi que tu chegaste bem”.

d) *Predicado de atitude proposicional*: transmite uma avaliação sobre o valor de aprovação de algum estado de coisas. Essa avaliação pode ser feita direta ou indiretamente (Cristóforo 2003: 107).

¹²É gramaticalmente possível o predicado dependente de um predicado matriz de conhecimento codificado pelo verbo *sabi* realizar-se introduzido pelo complementizador *ma* e com verbo finito, como em: *bu sabi ma ken ki ka ta bai ta perdi* ‘sabes que quem não for vai perder’.

- (5)
- | | | | | | | |
|------|-----------|---------------|--------------|----------|-----------|-------|
| E | fla | nhu | raí | ma | sta | um... |
| S3SG | dizer.PFV | senhor | rei | COMP | estar | INDF |
| [| PRINC | |] | [| COMPL |] |
| ma | la | ká | di | pastor | ma | sta |
| COMP | lá | casa | de | pastor | COMP | estar |
| | | COMPL [Cont.] | | | | |
| un | minina | bunita | ki | sata | lumina | ki |
| INDF | menina | bonito.F | CONJ | ASP.PROG | iluminar | CONJ |
| | | COMPL [Cont.] | | | |] |
| | | | | | | [SUB |
| kása | nhu | ta | <i>pensa</i> | teni | lus | |
| casa | S2SG.RESP | ASP.IPFV | pensar | ter | luz | |
| | | SUB [Cont.] | | | |] |
| [| PRINC_G2 | |] | [| COMPL_G2] | |
- “Ele falou para o rei que há uma... que lá na casa do pastor há uma menina bonita que está iluminando [a casa] de tal forma que a casa o senhor pensa que tem luz [nela]”.

Nesse caso, o conteúdo do estado de coisas expresso na oração dependente de grau 2 (G2) *teni lus* ‘há luz’ designa a atitude do experienciador, ou seja, do sujeito da oração matriz *nhu ta pensa* ‘o senhor pensa’, indiretamente para a verdade do conteúdo proposicional. É fato que, nesse tipo de predicado, o sujeito da oração matriz aceita o conteúdo proposicional da dependente como verdade, porém não há um comprometimento por parte desse sujeito com a verdade do conteúdo expresso na sentença dependente. Esse predicado também admite um predicado dependente introduzido pelo complementizador *ma* com verbo na forma finita, como em (6).

- (6)
- | | | | | | | | | |
|------|----------|--------|------|------|----------|----|----------|----------|
| E | ta | pensa | ma | N | ta | bá | kunpra- | prénda |
| S3SG | IPFV.ASP | pensar | CONJ | S1SG | IPFV.ASP | ir | comprar- | presente |
| | | | | | | | O3SG | |
| [| PRINC | |] | [| COMPL | |] |] |
- “Ele pensa que eu vou comprar-lhe um presente”.

Além do predicado codificado pelo verbo *pensa* ‘pensar’, há também, nos dados, uma ocorrência com o verbo *djuda* ‘ajudar’, que trata de uma *atitude beneficente*, nos termos de Gonçalves *et al.* (2016).

- (7) E en kása e átxa ómi mórtu. Ómi mórtu
 S3SG vir.PFV casa S3SG achar.PFV homem morto homem morto
 [PRINC] [COMPL]
- dj-e djuda gentis ntera
 ACT- ajudar.PFV pessoas enterrar
 S3SG
- PRINC [Cont.]] [COMPL]
- “Ele veio para casa e encontrou o homem morto. O homem morto, ele ajudou as pessoas a enterrarem”.

e) *Predicado de fase*: focaliza as fases do desenvolvimento (início, continuação e fim) de um estado de coisas através do tempo.

- (8) Porku kánsa dja bira ta fusinha txon
 porco cansar.PFV ACT virar ASP.IPFV cavar com o focinho chão
 [COORD.] [COORD. 2]
 1] [PRINC] [COMPL]
- ‘O porco cansou, passou a cavar o chão com o focinho’

Em (8), temos uma estrutura paratática com relação proposicional de causa e consequência, ou seja, o ato do porco passar a cavar o chão com o focinho é a consequência do fato expresso na primeira oração, a saber, ‘estar cansado’. Na segunda oração, que exprime consequência em relação à primeira, temos um predicado matriz *bira* ‘passar a’ que focaliza o início do desenvolvimento do estado de coisas dependente, codificado pelo verbo *ta fusinha* ‘cavar com o focinho’. Esse tipo de predicado não admite complementizador, os verbos que codificam o estado de coisas dependente são finitos e há correferencialidade dos sujeitos da matriz e sua dependente, o que evidencia maior grau de integração entre as orações.

Há duas ocorrências desse tipo de predicado na amostra (2 de 145 = 1.38%), ambas com predicado matriz codificado pelo verbo *bira* ‘virar’ (denotando o sentido de ‘passar a’).

Os demais tipos de predicados (desiderativo e modal) não foram encontrados na amostra. Contudo, mostraremos aqui exemplos de cada um desses tipos de predicados para elucidar e ilustrar como se dá a relação entre as orações neles.

f) *Predicado desiderativo*: o estado de coisas dependente descreve o desejo do sujeito experienciador da oração matriz.

- (9) Pálu kre pa N bá ku el
 Paulo querer CONJ S1SG ir com T3SG
 [PRINC] [COMPL]
 ‘Paulo quer que eu vá com ele’

Aqui o predicado dependente, codificado pelo verbo *bá* ‘ir’, expressa a vontade do sujeito do predicado matriz desiderativo, codificado pelo verbo *kre* ‘querer’. Nessa ocorrência, a completiva também é introduzida pelo complementizador *pa* e é constituída por um verbo na forma não finita, ou seja, sem marcação de aspecto. Esse tipo de predicado implica uma relação de maior integração entre a oração dependente e sua dominante.

g) *Predicado modal*: Cristorofo (2003: 100) ressalta que a maioria dos predicados que requerem complementos transmite alguma indicação de modalidade. A modalidade de um predicado envolve tanto a dimensão deontica (referindo-se a alguma circunstância que permite, obriga, capacita ou autoriza a ocorrência de um estado de coisas) quanto a epistêmica (que engloba os predicados de atitude proposicional).

- (10) Djon ten ki fasi tésti oxi
 João ter CONJ fazer teste hoje
 [PRINC] [COMPL]
 ‘O João tem que fazer o teste hoje’

Nessa ocorrência, o predicado principal *Djon ten* ‘João tem’ descreve uma condição de obrigação. Essa obrigação diz respeito à ocorrência do estado de coisas dependente *ki fazi testi oxi* ‘que fazer o teste hoje’, ou seja, é a ocorrência do estado de coisas dependente que é necessária. Outros verbos que codificam esse tipo de predicado no CCV são: *debi* ‘dever’, *mesti* ‘precisar’, *podí* ‘poder’, etc.

Vale ressaltar que apenas com o predicado de fase houve correferencialidade do sujeito da oração principal e da dependente, nos demais casos os referentes dos sujeitos são distintos.

Quanto à relação de dependência entre as orações, mesmo tratando-se de orações dependentes, podemos estabelecer um *continuum* de [maior dependência] para [menor dependência], através dos aspectos formais, que evidenciam o grau de integração da oração dependente em relação ao predicado matriz. Como se pode

ver no quadro 2, selecionamos 4 fatores formais que nos parecem ter particular relevância para avaliar o grau de dependência: (i) a presença do complementizador que, por ser um indicador da perda da relação entre as orações, bem como da perda do estatuto de sentença da oração dependente, indica menor grau de dependência; (ii) o fato de que verbos não finitos codifiquem predicados dependentes; (iii) a correferencialidade dos sujeitos da matriz e da encaixada e (iv) o discurso direto, que também é um indicador de menor dependência da encaixada em relação à principal, já que neste tipo de discurso espera-se uma estrutura com características mais ‘sentencializadas’ na oração dependente. Assim, podemos relacionar, no quadro 2, o grau de integração com o tipo de predicado, categorizando, pelos aspectos formais evidenciados nos dados da amostra, quatro graus de dependência, desde G1D, o maior grau de dependência, até G4D, o menor, sendo G2D e G3D os graus intermediários.

Tipo de predicado	Aspecto formal				Grau de dependência
	complementizador	verbo infinito	correferencialidade do sujeito	tipo de discurso: indireto	
Manipulação	+ (pa)	+	-	+	G1D
Fase	-	-	+	+	G1D
Percepção	-	+	-	+	G2D
Elocução	+ (ma)	-	-	+	G2D
	-	-	-	+/intrr	G3D
	-	-	-	-	G4D
Atitude proposicional	-	-	-	+	G3D
Conhecimento	-	-	-	+/intrr.	G3D

Quadro 2: Grau de dependência dos predicados.

Nota-se que os predicados de conhecimento, de percepção e de atitude proposicional também podem realizar-se introduzidos pelo complementizador *ma* ‘que’ e com verbos na forma finita, tendo, assim, um menor grau de dependência. Porém, esse tipo de estrutura não aparece na amostra.

A amostra utilizada apresenta dez diferentes verbos matrizes. Todos eles podem requerer um argumento preenchido por uma oração não introduzida por complementizador (denominamos aqui de ‘zero’). A tabela 2 mostra o número de ocorrência de cada verbo do predicado matriz relacionado ao tipo de complementizador requerido.

Tab. 2: Correlação entre verbo da oração matriz e características do predicado.

Tipo de predicado	Verbo	Complementizador	Forma verbal da encaixada	Correferencialidade do sujeito	Tipo de discurso da encaixada	Número de ocorrência
Elocução	Fia	ma	finito	não	indireto	24
		zero	finito	não	direto	78
		zero	finito	não	indireto + interrogativa	5
Manipulação	Pergunta/punta	ma	finito	não	indireto + interrogativa	4
		zero	finito	não	indireto + interrogativa	1
		zero	finito	não	indireto + interrogativa	17
Conhecimento	Sabi	pa	não finito	não	indireto	1
		zero	finito	não	direto + interrogativa	1
		zero	finito	não	indireto + interrogativa	1
Percepção	Obi	ma	não finito	não	indireto	1
		zero	passivo	não	indireto	3
		zero	finito	não	indireto	1
Atitude proposicional	Da (beneficente)	ma	não finito	não	indireto	4
		zero	finito	não	indireto	2
		zero	finito	não	indireto	2

O verbo *fla* 'dizer', único com ocorrência significativa na amostra, evidencia que esse tipo de narrativa usa com maior frequência o discurso direto para as estruturas complexas (78+24+17+5=124/145 ocorrências = 85,5%). Todas as ocorrências, em que a dependente realiza-se em discurso direto, não são introduzidas por complementizadores. Além disso, as dependentes introduzidas, em discurso indireto, por um interrogativo (11/145=7.5%) não se realizam com complementizador. Assim, os dados apresentam alta frequência de orações completivas com menor grau de integração à sua matriz.

As completivas introduzidas pelo complementizador *pa* 'para' (17/145=11.7%) realizaram-se apenas com verbos na forma não finita, já as introduzidas por *ma* 'que' (24/145=16.5%) com verbos na forma finita. Isso evidencia que o ato de fala expresso pela dependente do predicado de elocução é declarativo, quando introduzido pelo complementizador *ma* e é o conteúdo proposicional de uma manipulação, quando introduzido pelo complementizador *pa*.

5 Considerações finais

O estudo das completivas, relacionando critérios formais e semânticos, baseado em um *corpus* oral espontâneo, permite-nos compreender melhor como esse tipo de oração é estruturado no CCV e quais os mecanismos que o falante utiliza para a sua codificação.

É notório que a relação semântica entre a completiva e sua matriz é determinada pela semântica do predicado da oração matriz. Assim, cada tipo de predicado seleciona uma completiva com aspectos semânticos e formais distintos. Pudemos perceber, além disso, que o complementizador é também um dispositivo para evidenciar a relação semântica entre as orações e determinar aspectos formais, como a forma do verbo da oração que ele introduz. Contudo, é o estatuto da relação semântica entre as orações que seleciona o tipo de complementizador ou sua ausência.

Nos exemplos tratados aqui, o complementizador *ma* está ligado ao conteúdo proposicional requerido pela semântica do predicado matriz e permite que o verbo esteja na forma finita. Já o complementizador *pa* ocorre somente com verbos na forma não finita, evidenciando uma nuance de objetivo ou resultado de manipulação do predicado matriz.

É interessante notar que um mesmo predicado, como *fla* 'dizer'/'ordenar', tem seu sentido afetado pela seleção do complementizador. Se esse predicado seleciona o complementizador *ma*, teremos um predicado de elocução e sua completiva será um ato de fala. Contudo, se seleciona *pa*, evidencia uma relação de manipulação e sua completiva será o conteúdo proposicional dessa manipulação. Essas duas relações

evidenciam graus distintos de integração, sendo a primeira menos integrada e a segunda mais integrada. No ato de fala, a integração é de menor grau que na manipulação, pois, as orações dependentes têm, respectivamente, forma verbal finita e forma verbal não finita.

Levando-se em consideração um *continuum* de dependência, os predicados de fase e de manipulação apresentam maior grau de dependência, evidenciado por aspectos formais que resultam da incidência da semântica do predicado matriz sobre a completiva. Assim, nossa análise das orações completivas no CCV se enquadra na categorização translinguística de Cristóforo (2003), que afirma que predicados de conhecimento, de atitude proposicional e de elocução não envolvem integração semântica, pois não se trata de dois estados de coisas, mas um estado de coisas e um conteúdo proposicional.

Podemos concluir, pela análise quantitativa dos dados, que as completivas introduzidas pelo verbo de elocução *fla* 'dizer' constituem o modelo estatisticamente dominante, modelo esse caracterizado por um grau relativamente reduzido de integração da oração dependente à sua matriz (em particular no que diz respeito às dependentes em discurso direto, que representam o caso mais frequente no *corpus* analisado). No entanto, cabe salientar que, ao lado deste modelo numericamente dominante, também existem outros verbos e tipos de predicados com maior integração da oração dependente à sua matriz.

O quadro 3 demonstra características prototípicas das estruturas completivas na amostra selecionada, quando estão menos integradas e quando estão mais integradas às matrizes. Convém observar, entretanto, que há orações que ora apresentam algumas características de maior integração, ora características de menor integração, situando-se como aquelas de integração parcial, o que demonstra que integração também é uma questão de grau, ou seja, as categorias linguísticas organizam-se em escalas, havendo exemplares mais prototípicos de uma categoria e outros que, em maior ou menor grau, assemelham-se ou distanciam-se do protótipo (Rosch 1973; Givón, 1984).

Or. Compl. Menos integrada	Or. Compl. mais integrada
Predicado de elocução	Predicado de manipulação
Verbo <i>fla</i> 'dizer'	Verbo <i>fla</i> 'ordenar'
Discurso direto	Discurso indireto
Complementizador zero	Complementizador <i>pa</i>
Verbo dependente finito	Verbo dependente não finito

Quadro 3: Características prototípicas das completivas.

Esses resultados ampliam nossos conhecimentos sobre as construções das orações complexas em CCV, especificamente sobre a variedade mais basilectal da ilha de Santiago, além de possibilitar a compreensão das estruturas sintáticas das línguas crioulas e permitir comparações entre elas e suas línguas lexificadoras.

Abreviaturas

ASP: aspecto, O: objeto, COMPL: completiva, PFV: perfectivo, CONJ: conjunção, PL: plural, G2: grau 2, PREP: preposição, INTJ: interjeição, PRINC: principal, Interr.: interrogativo, PROG: Progressivo, INDF: indefinido, REL: pronome relativo, IPFV: imperfeito, RESP: respeito, NEG: negação, S3SG: sujeito 3ª pessoa do singular.

Referências

- Alexandre, Nélia Maria Pedro. 2009a. WH-Constructions in Cape Verdean Creole: Extensions of the Copy Theory of Movement. Tese de Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Alexandre, Nélia Maria Pedro. 2009b. Uma Análise de CP Não Expandido Para o Sistema de Complementadores do Crioulo de Cabo Verde. In: Brito, Ana Maria *et al.* (eds), *Textos Seleccionados do XXV ENAPL*, 111-26. Lisboa: APL.
- Baptista, Marlyse. 2002. *The Syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento Varieties*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Cristófaró, Sonia, 2003. *Subordination*. Oxford: Oxford University Press: p. 95-154.
- Givón, T. 1980. The binding hierarchy and typology of complements. *Studies in Language*, 4: 333-77.
- Givón, T. 1984. *A functional-typological introduction*. Vol. I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- Givón, T. 1990. *Syntax - A functional - typological introduction*. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- Gonçalves, Sebastião Carlos; Sousa, Gisele Cássia de; Casseb-Galvão, Vânia. 2016. As construções subordinadas substantivas. In Neves, Maria Helena de Moura (org.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto: 67-121.
- Halliday, M.A.K. 1985. *An Introduction to functional grammar*. Great Britain: Edward Arnold.
- Hengeveld, K. 1998. Adverbial clauses in the Languages of Europe. In Auwera, J. Van der; O' Baoiill, D. P. (ed.) *Adverbial constructions in the Languages of Europe*, 335-419. Berlin/Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Hopper, Paul; Traugott, Elizabeth Closs. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lang, Jürgen. 2014. A conjunção ma [mɐ] do crioulo de Santiago (Cabo Verde): descrição sincrónica. In Veiga, Manuel (ed.). *Desafios*. Edições UniCV 2: 121-135.

Lopes, Francisco João. 2012. Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da ilha de São Nicolau – Cabo Verde. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

Matthiessen, C.; Thompson, S. A. 1988. The structure of discourse and “subordination”. In: Haiman, J.; Thompson S.A. (ed.). *Clause combining in grammar and discourse*, 275-329. Amsterdam: John Benjamins.

Noonan, M. 1985. Complementation. In SHOOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*, 42-140. v.II. Cambridge: Cambridge University Press.

Quint, Nicolas. 2000. *Grammaire de la Langue cap-verdienne*. Paris: L’Harmattan.

Quint, Nicolas. 2006. Un bref aperçu des racines africaines de la Langue capverdienne. In: Cabo Verde. *Origens da sua Sociedade e do seu Crioulo*, 75-90. Tübingen, Gunter Narr.

Quint, Nicolas. 2008. Coordination et parataxe en capverdien moderne (dialecte santiagais ou badias). In Caron, Bernard (ed.) *Subordination, dépendance et parataxe dans les Langues africaines*, 29-48. Peeters.

Quint, Nicolas. 2010. *Vamos falar cabo-verdiano: língua e cultura*. Paris: L’Harmattan.

Rosch, E. 1973. Natural categories. In *Cognitive psychology*, v. 4.

Veiga, Manuel. 2002. *O Caboverdiano em 45 lições*. Praia: Instituto Nacional de Investigação Cultural (INIC).

Recebido: 23/04/2017

Aprovado: 18/06/2017
